

ARTIGO

REFLEXÕES SOBRE A VIDA SENSÍVEL DO CORPO TRABALHADOR NO MODO DE PRODUÇÃO CAPITALISTA

Sandro de Mello Justo¹

sandro.mellojusto@gmail.com

Resumo

Falar em revolução hoje em dia está “fora de moda”. O triunfo dos interesses capitalistas sobre a vida da classe trabalhadora parece cada vez mais se naturalizar como algo imutável e, aos olhos da sociedade, um projeto societário alternativo a este vigente se torna mais utópico do que uma “possível” intervenção divina no mundo dos homens. O trabalho que aqui se segue não compartilha deste pensamento e busca mostrar como que o modo de produção capitalista contribui para o processo de desumanização do trabalhador tendo como uma de suas conseqüências a ruptura de sua vida sensível. Tomando como base o conceito de corpo trabalhador, analisamos primeiramente a centralidade do trabalho na construção do corpo humano e depois como que o trabalho, sob os domínios do capitalismo, transforma o trabalhador num mero autômato vivo e num ser alienado de si mesmo que vê sua vida sensível ser subsumida na lógica do capital. Elucidar este cenário de desumanização também elucidada a urgente necessidade de superarmos a ordem capitalista e de compreendermos o marxismo como ferramenta de luta política fundamental na ordem do dia.

Palavras-chave: corpo trabalhador; alienação; vida sensível

¹ Graduado em Licenciatura em Educação Física (UFRJ), Especialista em Pedagogia Crítica da Educação Física (UFRJ) e Mestrando em Educação (UFF).

Introdução

O ser humano se difere dos outros animais pelo fato de produzir seus meios de vida. Em vez de se adaptar às condições que a natureza oferece, age sobre ela transformando-a socialmente conforme suas necessidades e, ao mesmo tempo, transformando a si mesmo. Esta atividade onto-criativa, denominada de trabalho, possui um caráter central no materialismo histórico de Marx e Engels, pois é a partir dela que o ser se torna humano. Os dois pensadores alemães, analisando os fundamentos ontológico-históricos da categoria trabalho, materializaram-na dialeticamente na sociedade burguesa e chegaram à conclusão de que uma outra dimensão desta atividade tinha sido construída pelos homens, uma dimensão negativa, alienadora. O homem se humaniza através do trabalho produzindo sua existência, porém o que eles são coincide com o *modo como* produzem (MARX & ENGELS, 2007) e o modo como os seres humanos produzem sua existência no capitalismo, sob o modelo do trabalho assalariado, ao invés de humanizá-los, os desumaniza. O trabalhador não enxerga mais em sua atividade a sua auto-realização e sim a sua destruição, a sua alienação através da expropriação de sua força de trabalho, de seus sentidos, de seus desejos, de seus saberes, enfim, de sua humanidade. Esta separação entre o trabalhador e sua própria humanidade tem como uma de suas conseqüências, para o mesmo, o que Eagleton (1993) chamou de *ruptura da vida sensível* em sua obra *A Ideologia da Estética*. Tendo como base o conceito de *corpo trabalhador*, o autor analisou como este, no modo de produção capitalista, tem seus poderes produtivos cada vez mais racionalizados e mercantilizados enquanto seus impulsos simbólicos e libidinais são reduzidos (EAGLETON, 1993).

Buscaremos aqui compreender melhor o significado desta ruptura da vida sensível do corpo trabalhador no modo de produção capitalista a partir das idéias desenvolvidas por Terry Eagleton sobre o tema e também a partir de uma síntese

elaborada por Engels em 1876 na qual o filósofo aponta o papel do trabalho na construção do homem e de seu corpo. Porém, tendo em vista que os apontamentos de Eagleton se sustentam no pensamento estético marxiano sobre a relação sensível do ser humano com a realidade, compreendemos também ser relevante realizarmos uma breve síntese de dois aspectos analisados por Marx que, a nosso ver, são muito importantes no sentido de visualizarmos a vida sensível do corpo trabalhador construída pelo/no trabalho sob os moldes da sociedade capitalista: os efeitos reificadores² da maquinaria sobre o trabalhador e a alienação deste de si mesmo no processo de produção; o primeiro tendo sido analisado com maior densidade no Capítulo XIII d'*O Capital* e o segundo nos *Manuscritos Econômico-Filosóficos*.

Sendo assim, o desenvolvimento do texto que se segue estará dividido em três momentos que antecederão sua conclusão: num primeiro momento iremos analisar a centralidade do trabalho na transformação do macaco em homem e, assim, compreender como que o corpo humano foi construído historicamente pelo/no trabalho se tornando um corpo trabalhador. Num segundo momento analisaremos os efeitos da maquinaria sobre o trabalhador enfatizando como que este se tornou um mero “apêndice da máquina”, ou seja, como que o trabalhador se transformou numa espécie de “autômato vivo” dentro do processo produtivo ao mesmo tempo em que as máquinas ganharam o “poder” de controlá-lo. Um cenário de reificação no qual a vida do trabalhador se transfere para o inanimado da maquinaria. Num terceiro momento analisaremos como o trabalhador se aliena de si mesmo durante o processo produtivo capitalista, sendo a expressão sensível desta alienação a *propriedade privada* (MARX, 2004b) e, no momento conclusivo do trabalho, buscaremos finalmente apreender o significado do que Eagleton

² O conceito de reificação pode ser definido como a “transformação dos seres humanos em seres semelhantes a coisas, que não se comportam de forma humana, mas de acordo com as leis do mundo das coisas” (BOTTMORE, 2001: 314). Esta definição poderá ser melhor compreendida durante a segunda seção do desenvolvimento do trabalho onde analisaremos o trabalhador como “apêndice da máquina”.

(1993) chamou de ruptura da vida sensível do corpo trabalhador abordando brevemente o lugar do marxismo neste cenário de desumanização do homem.

A centralidade do trabalho na construção histórica do corpo humano

Engels, ao escrever *O papel do trabalho na transformação do macaco em homem* em 1876, afirmou que o trabalho é a condição básica de toda a vida humana e, portanto, o criador do próprio homem (ENGELS, 2006). Marx, no volume I d'*O Capital*, ao definir o que seria o processo de trabalho humano, nos disse que este se dá na relação de troca material entre o homem e a natureza na qual o homem põe em movimento as forças de seu corpo e, assim, transforma a natureza enquanto transforma a si mesmo (MARX, 2008). Conforme as colocações de Marx e Engels, podemos concluir que o homem se construiu historicamente pelo/no processo de trabalho. Assim, também podemos afirmar que o trabalho é uma categoria central para analisarmos a construção histórica do corpo humano³ em sua relação metabólica⁴ com a natureza.

O fato dos homens produzirem seus meios de vida transformando a natureza de acordo com suas necessidades é a principal diferença destes para com os outros animais que, pelo contrário, somente se adaptam a ela. Este foi o ponto crucial na transformação do macaco em homem: a dominação da natureza pelo trabalho humano. Engels (2006) analisou este processo de transição

³ Cabe ressaltar que nossa compreensão de *corpo* parte da noção de indissociabilidade entre o físico e o mental, ou seja, corpo para nós não se encontra separado da consciência; é, pelo contrário, a unidade dialética entre matéria e espírito. Compreendemos, portanto, que o ser humano não só tem um corpo, mas que também é esse corpo. Isso não nos impossibilita de falarmos hora sobre o corpo em seus termos físicos e hora sobre sua imaterialidade representada pela consciência, porém compreendendo-os como elementos formadores de uma totalidade chamada *corpo humano*.

⁴ Para uma melhor compreensão do conceito de metabolismo em Marx e seu uso na análise da relação metabólica entre natureza e sociedade, ver FOSTER, John Bellamy. *A Ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

colocando como que as necessidades que motivaram as ações transformadoras sobre a natureza impulsionaram a construção do ser em ser humano. A necessidade de manipular objetos exclusivamente com as mãos fez com que nossos ancestrais primitivos fossem cada vez mais adotando uma postura ereta ao caminhar e, assim, a mão começava a ficar livre podendo adquirir maior destreza e habilidade:

Vemos, pois, que a mão não é apenas o órgão do trabalho; é também produto dele. Unicamente pelo trabalho, pela adaptação a novas e novas funções, pela transmissão hereditária do aperfeiçoamento especial assim adquirido pelos músculos e ligamentos e, num período mais amplo, também pelos ossos; unicamente pela aplicação sempre renovada dessas habilidades transmitidas a funções novas e cada vez mais complexas foi que a mão do homem atingiu esse grau de perfeição que pôde dar vida, como por artes de magia, aos quadros de Rafael, às estátuas de Thorwaldsen e à música de Paganini. (ENGELS, 2006: 2)

Vemos, então, que a mão foi o primeiro instrumento de trabalho do homem e não só um instrumento produtor de trabalho como também um produto deste. Porém, ao fazer parte de um organismo íntegro, os benefícios alcançados pelas mãos geravam conseqüências a todo o corpo e, assim, este começava a ser construído como corpo humano. Não só a mão era um produto do trabalho, mas também toda a totalidade da qual ela fazia parte: o corpo.

O domínio do homem sobre a natureza através do trabalho foi se desenvolvendo cada vez mais e novas necessidades foram surgindo. O corpo que, pela ação sobre a natureza, estava sendo construído como corpo humano também estava sendo construído como corpo social e, a partir de certo momento, este corpo precisou se comunicar para além dos movimentos gestuais. Pela necessidade do aprimoramento da comunicação o corpo, então, falou. Como Engels (2006) nos disse, “a necessidade criou o órgão” (p. 3) e a laringe do macaco, que até então era pouco desenvolvida, foi se transformando até chegar o momento em que a boca começou a pronunciar sons articulados. Surgia, portanto, a linguagem a partir do trabalho. O corpo que, pelo/no trabalho, se

tornava humano ia se transformando com o passar do tempo histórico fazendo com que o cérebro limitado do macaco se transformasse em cérebro humano e, assim, chegamos ao momento em que todos os órgãos sensíveis que formavam o corpo se desenvolviam harmonicamente transformando definitivamente o ser primitivo em ser humano. O homem trabalhador (no sentido ontológico da palavra) transformava a natureza e transformava a si mesmo, transformava seu próprio corpo e, portanto, se constituía num corpo trabalhador. O homem *possuía* e ao mesmo tempo *era* um corpo trabalhador em metabolismo com a natureza. A natureza, por sua vez, se encontrava humanizada, tinha se tornado o “*corpo inorgânico do homem*” (MARX, 2004b: 84). O homem, ao viver da natureza, se compreendia como parte dela e esta concepção de unidade *homem-natureza* no processo histórico de construção do corpo humano trabalhador, segundo Engels (2006), ratifica a noção de corpo já defendida aqui. Segundo o filósofo alemão:

Com efeito, aprendemos cada dia a compreender melhor as leis da natureza e a conhecer tanto os efeitos imediatos como as conseqüências remotas de nossa intromissão no curso natural de seu desenvolvimento. Sobretudo depois dos grandes progressos alcançados neste século (*século XIX*) pelas ciências naturais, estamos em condições de prever e, portanto, de controlar cada vez melhor as remotas conseqüências naturais de nossos atos na produção, pelo menos dos mais correntes. E quanto mais isso seja uma realidade, mais os homens sentirão e compreenderão sua unidade com a natureza, e mais inconcebível será essa idéia absurda e antinatural da *antítese* entre o espírito e a matéria, o homem e a natureza, a *alma e o corpo* [...] (ENGELS, 2006: 7 grifos nossos)

Porém, o modo de produção capitalista “volta-se para a terra só depois que ela foi exaurida pela sua influência e depois que as suas qualidades naturais foram por ela devastadas” (MARX apud FOSTER, 2005). Assim, podemos ver que no capitalismo há uma cisão, uma alienação do homem com a natureza como também, por conseqüência, a cisão do corpo trabalhador. Agora, sob o julgo da sociedade burguesa, o corpo trabalhador já não encontra mais no trabalho (que se tornou assalariado) sua humanização e sim a deteriorização de seu gênero humano. Vimos brevemente até aqui como que o homem se construiu pelo/no

trabalho e, assim, se tornou um corpo humano, um corpo trabalhador. Agora veremos como, pela dependência econômica de um corpo que não trabalha e sim que vive da exploração do trabalho alheio, este corpo trabalhador se desumaniza tendo como ponto culminante a ruptura de sua vida sensível.

O trabalhador como “apêndice da máquina”

O processo de desumanização do homem como corpo trabalhador não faz parte somente de nossas abstrações teóricas, ele possui uma materialidade muito bem definida no modo de produção capitalista. Esse distanciamento do ser humano que vende as forças de seu corpo em troca de salário, ou seja, que vende a si mesmo, de sua própria humanidade tem sua objetivação em inúmeros aspectos do capitalismo, porém nos deteremos aqui em analisar brevemente somente um deles, talvez um dos mais importantes sob a ótica marxiana: os efeitos da maquinaria sobre o trabalhador. Buscaremos enfatizar como que o trabalhador se tornou um mero “apêndice da máquina” fazendo com que o humano do ser fosse cada vez mais sendo subordinado à lógica do capital. O trabalhador vai deixando de ser um corpo humano enquanto se transforma num mero objeto, num corpo reificado.

Em toda sua obra, Marx deixa claro qual é o fim que move o modo de produção capitalista: a produção de mais-valia. No *Capítulo VI Inédito d’O Capital*, Marx diz que “A produção de mais-valia [...] apresenta-se assim como o fim determinante, o interesse propulsor e o resultado final do processo de produção capitalista, isto é, como aquilo em virtude do que o valor original se transforma em capital (MARX, 2004a: 41). Esta idéia é central para podermos analisar qualquer mudança que ocorra no interior do processo produtivo capitalista, inclusive o advento da maquinaria na indústria moderna. A busca incessante pelo lucro é o norte dos interesses capitalistas e suas conseqüências sobre o trabalhador são degradantes ao passo de que a valorização do “mundo das coisas” aumenta cada

vez mais enquanto o “mundo dos seres humanos” é desvalorizado (MARX, 2004b).

Ao analisarmos o trabalhador da manufatura e o trabalhador da indústria moderna, podemos ver que o primeiro, mesmo estando subordinado ao capitalista, o está de maneira formal, ou seja, ainda possui certo controle sobre o processo produtivo. O trabalhador se encontra ainda como dominador do instrumental de trabalho fazendo com que este seja apenas um “prolongamento de seu corpo” no ato de produzir. Assim, na manufatura, as ferramentas são vistas como complementos do trabalhador, trabalhador este que, exercendo certo controle sobre as etapas de produção e sobre os instrumentos utilizados, se vê como “ator” e não como “coadjuvante” em sua atividade laboral. Porém, com o surgimento da indústria moderna movida pela maquinaria, o trabalhador deixa de ser subordinado de maneira apenas formal ao capital e passa a ser subordinado de maneira real. Agora o trabalhador já não possui domínio algum sobre as etapas do processo produtivo e sobre os novos instrumentais, as máquinas. Muito pelo contrário, pois são estas que exercem controle sobre os trabalhadores fazendo com que eles tenham que se adaptar a seus movimentos e variações. O ritmo e as condições de trabalho, agora, não são mais influenciados pelas características do trabalhador e sim pelas características das máquinas; quem era “ator” vira “coadjuvante”:

Na manufatura e no artesanato, o trabalhador se serve da ferramenta; na fábrica, serve à máquina. Naqueles, procede dele o movimento do instrumental de trabalho; nesta, ele tem de acompanhar o movimento do instrumental. Na manufatura, os trabalhadores são membros de um mecanismo vivo. Na fábrica, eles se tornam complementos vivos de um mecanismo morto que existe independente deles. (MARX, 2008: 482)

Neste cenário, vida e morte se confundem em papéis trocados: o trabalho vivo do trabalhador passa a ser controlado pelo trabalho morto da maquinaria e o que era desprovido de vida (a maquinaria), ao subsumir o trabalhador em sua lógica, acaba se tornando “vivo” e poderoso enquanto quem era a materialidade

da vida (o trabalhador) acaba se tornando “morto” e incapaz, infelizmente de forma não tão metafórica assim, mas concreta e real. O “mundo das coisas” se ergue aos olhos do “mundo dos seres humanos” de uma forma fetichizada, como se deles independesse, como se tivesse força própria.

Esta servidão do trabalhador à máquina foi abordada de forma pormenorizada no Capítulo XIII d’ *O Capital* onde Marx deixa claro o real sentido da expressão “apêndice da máquina”. Após ter analisado (no próprio Capítulo XIII) a estrutura do sistema de máquinas e como ele aumenta a exploração do capitalista sobre o trabalhador, Marx analisa a fábrica em seu conjunto e forma. A partir de seus apontamentos podemos visualizar que no moderno sistema fabril a organização “subjéctiva” do trabalho encontrada na manufatura, ou seja, uma organização dependente da qualificação e habilidades dos trabalhadores, acaba sendo substituída pela organização “objectiva” do trabalho, uma organização dependente essencialmente das máquinas na qual os trabalhadores são sistematicamente subordinados à disciplina fabril com o objetivo de se adequarem ao sistema maquinário de forma eficiente. Marx (2008) coloca que para se adaptar à máquina o trabalhador precisa começar a aprendizagem desde cedo a fim de adequar mecanicamente seus movimentos a ela. Ele próprio vai se tornando uma espécie de “autômato vivo”, uma parte constituinte da máquina seguindo disciplinarmente seus padrões de movimento⁵:

Sendo, ao mesmo tempo, processo de trabalho e processo de criar mais-valia, toda a produção capitalista se caracteriza por o instrumental de trabalho empregar o trabalhador, e não o trabalhador empregar o instrumental de trabalho. Mas essa inversão só se torna uma realidade técnica e palpável com a maquinaria. (MARX, 2008: 483)

Essa realidade técnica que surge com a maquinaria reduz a atividade do trabalhador ao trabalho manual mais monótono e simples possível fazendo com

⁵ Impossível não lembrarmos do filme *Tempos Modernos* (1931) de Charlie Chaplin.

que possam ser realocados em diversos setores do sistema fabril sem nenhuma instrução prévia complexa e sem interromper o processo de trabalho. Parte, assim, da máquina e não do trabalhador o movimento global da fábrica (MARX, 2008). O surgimento da indústria moderna com sua desenvolvida maquinaria racionalizou de tal forma o processo de produção a ponto de transformar o trabalhador num simples “fator humano”, num mero “complemento mecânico vivo” quase invisibilizado pela “vida poderosa” das máquinas, ou seja, num corpo mecânico, reificado. Os trabalhadores criam as máquinas, porém estas parecem se insurgir contra os seus criadores, pois sob a égide da sociedade capitalista os poderes criativos do trabalhador são dele expropriados constantemente e voltam-se contra o mesmo sob a forma de mercadorias estranhas. Estas mercadorias, estranhas ao trabalhador, o são pelo fato de sua atividade criativa não se apresentar como um fim para si e sim como um fim para o outro, ou seja, é criatividade que serve para produzir mercadorias que serão apropriadas privadamente pelo capitalista.

Com esta breve síntese dos efeitos da maquinaria da indústria moderna sobre o trabalhador, podemos concluir que a vida do “apêndice da máquina” vai cada vez mais sendo sugada pelo “mundo morto das coisas”. Como já dito anteriormente, no fetichismo capitalista, vida e morte se confundem em papéis trocados e, assim, segundo os dizeres de Marx (2008), o trabalho morto exerce domínio sobre o trabalho vivo. A vida do corpo trabalhador, sob o véu do fetichismo, se transfere para o corpo morto da maquinaria.

O trabalhador alienado de si mesmo

A questão que analisaremos agora de forma alguma se apresenta separada da questão analisada na seção anterior. Os efeitos da maquinaria sobre o trabalhador e a alienação deste de si mesmo no processo de produção capitalista são partes da totalidade representada na relação contraditória entre

capital e trabalho. O surgimento da maquinaria na indústria moderna e, conseqüentemente, a subordinação real do trabalhador ao capital, caracterizaram a especificidade do modo de produção capitalista. Inserido neste novo processo produtivo, o trabalhador agora se encontra alienado do produto de sua atividade, de sua atividade e, assim, alienado de si mesmo.

Marx, em seus *Manuscritos de Paris*, analisou a alienação do trabalhador no capitalismo tendo como base a relação imediata entre o trabalhador e o produto de seu trabalho e entre o trabalhador e o ato da produção. Conforme suas palavras a alienação do trabalhador durante a atividade produtiva se dá pelo fato desta ser uma atividade que tem um fim sempre para outro. Como já colocamos anteriormente, no modo de produção capitalista o trabalhador não encontra sua humanidade no trabalho, mas se afasta dela. Assim, o trabalho a ele é externo, é a negação de si mesmo (MARX, 2004b), é o momento em que o trabalhador se afasta de seu gênero humano, pois ele “só se sente [...] junto a si quando fora do trabalho e fora de si quando no trabalho” (MARX, 2004b: 83). O trabalho, ao se tornar assalariado, transforma o trabalhador numa mercadoria como outra qualquer, já que este vende sua força de trabalho para satisfazer necessidades que a ele são externas e, sob a forma de mercadoria humana, o trabalhador se aliena de si mesmo; já não mais se reconhece em sua atividade laboral, pelo contrário, a enxerga como uma atividade estranha, de mortificação do seu ser. Isso se expressa no fato de que:

[...] quanto mais o trabalhador produz, menos tem para consumir; que quanto mais valores cria, mais sem-valor e indigno ele se torna; quanto mais bem formado o seu produto, tanto mais deformado ele fica; quanto mais civilizado seu objeto, mais bárbaro o trabalhador; que quanto mais poderoso o trabalho, mais impotente o trabalhador se torna; quanto mais rico de espírito o trabalho, mais pobre de espírito e servo da natureza se torna o trabalhador. (MARX, 2004b: 82)

O resultado desta alienação do trabalhador de si mesmo durante o processo de produção, durante seu trabalho, é a relação dele com o produto de

sua atividade. Este resultado se expressa, portanto, na propriedade privada. Assim como o capital, a propriedade privada não é uma coisa e sim uma relação social e sua essência subjetiva é o trabalho. Porém, na relação da propriedade privada com o trabalho, este se encontra determinado por aquela e, assim, o produto da atividade humana se volta contra o homem como um “ser estranho”. O produto do trabalho é a objetivação deste, ou seja, é trabalho vivo que se fixou num objeto, mas, como o produto do trabalho no modo de produção capitalista é sempre apropriado privadamente por outro que não o trabalhador, a efetivação do trabalho é, ao mesmo tempo, a desafetivação do trabalhador; a objetivação do trabalho é a perda do objeto pelo trabalhador (MARX, 2004b). Assim, quanto mais riqueza o trabalhador produz, mais miserável e desumanizado se encontra, tanto espiritualmente quanto fisicamente. O corpo trabalhador se afasta de sua humanidade, se aliena de si mesmo, e esta alienação tem sua expressão material-sensível na propriedade privada (MARX, 2004b). Portanto, para Marx, a superação desta condição de alienação do trabalhador de seu próprio corpo, ou seja, de si mesmo enquanto ser humano genérico, somente será possível com a superação da propriedade privada; com a superação do modo de produção capitalista.

Vimos em Engels (2006) o quanto o trabalho foi central na construção histórica do corpo humano, do corpo trabalhador. Neste processo de superação da fase primitiva do ser, o homem pôde desenvolver seus sentidos não de forma alienada, mas sim plenamente no/pelo trabalho. Porém, o trabalhador, que agora se encontra reificado como um simples “apêndice da máquina” e alienado de sua atividade e do produto de sua atividade, tem o desenvolvimento de sua plenitude sensível interrompida no modo de produção capitalista. O trabalhador que antes via no trabalho a sua auto-realização, agora o vê como um mero meio degradante para conseguir suprir suas necessidades básicas; “foge-se do trabalho como de uma peste” (MARX, 2004b: 83).

Considerações finais: a ruptura da vida sensível do corpo trabalhador e o lugar do marxismo

Marx definitivamente considerava o ambiente capitalista como uma barreira para a fruição plena do ser humano. Vimos até agora o quanto que este modo de produção, através da reificação e da alienação, nega a humanidade do trabalhador; nega este como sendo um corpo humano trabalhador e o transforma num objeto, numa mercadoria como outra qualquer. A dominação do trabalho vivo pelo trabalho morto que coloca o trabalhador no papel de mero complemento de um sistema maquinário e a alienação deste de si mesmo expressa na propriedade privada provocam a desumanização de seus sentidos e de suas capacidades criativas. Estes se encontram presos à forma de *força de trabalho*, uma força que, ao ser sugada pelo processo produtivo, enfraquece o trabalhador distanciando-o de si.

Scarry apud Eagleton (1993) observou como que em toda sua obra, Marx considera o mundo construído como a projeção do corpo humano, sendo o sistema de produção econômica a metáfora materializada deste corpo. Porém, ao construir um mundo enriquecido que o transforma em mercadoria miserável e ao estar determinado por um sistema de produção econômica que expropria sua humanidade sensível, o trabalhador já não se vê mais em sua própria atividade de construção, se aliena de seu corpo pelo regime da propriedade privada. Ao rebaixar o trabalhador a uma espécie de mercadoria que vive para não morrer, ou seja, que vive para simplesmente suprir suas necessidades básicas e poder reproduzir-se, o modo de produção capitalista provoca, neste sentido, uma ruptura da vida sensível do trabalhador. Os sentidos, para Marx, são “a própria forma de nossas relações práticas com a realidade” (EAGLETON, 1993) e, assim sendo, ao substituir os sentidos do corpo trabalhador pelo simples impulso de possuir mercadorias para satisfazer suas necessidades básicas, o sistema da propriedade privada, que é a *expressão sensível* da alienação do trabalhador de seu corpo, limita as relações práticas do corpo trabalhador com a realidade que o

cerca. Se nossa consciência é a nossa relação com o ambiente (MARX & ENGELS, 2007), o ambiente capitalista sem dúvida provoca uma certa “atrofia” da consciência do trabalhador a cerca de sua humanidade.

Eagleton (1993), citando Marx, disse que a verdadeira produção humana é aquela livre da necessidade imediata e complementou dizendo que nós somente experimentamos a riqueza dos objetos quando os relacionamos com nossos projetos significativos. Se nos domínios do capital qualquer projeto que não seja significativo para a classe no poder é imediatamente posto de lado, fica difícil de imaginarmos como neste modo de produção a percepção da realidade pelos sentidos corpóreos do trabalhador poderão se desenvolver de forma livre e plena:

A formação dos cinco sentidos é um trabalho de toda a história do mundo até aqui. O sentido constrangido à carência prática rude também tem apenas um sentido tacanho. Para o homem faminto não existe a forma humana da comida, mas somente a sua existência abstrata como alimento [...] O homem carente, cheio de preocupações, não tem nenhum sentido para o mais belo espetáculo; o comerciante de minerais vê apenas o valor mercantil, mas não a beleza e a natureza peculiar do mineral; ele não tem sentido mineralógico algum [...] (MARX, 2004b: 110)

Ao reduzir a plenitude sensível do trabalhador à “simplicidade crua e abstrata da necessidade” (EAGLETON, 1993), o capitalismo faz com que as qualidades sensíveis dos objetos intencionados pelo trabalhador não se realizem virtuosamente. Assim, a sociedade burguesa nos impede de ouvir como poderíamos ouvir, sentir como poderíamos sentir, desejar como poderíamos desejar, amar como poderíamos amar, enfim, viver como poderíamos viver. E se o capitalista expropria os sentidos do corpo trabalhador também o faz consigo mesmo, pois quanto menos come, bebe, canta, pinta, teoriza, mais ele poupa e, assim, maior será seu capital (MARX apud EAGLETON, 1993). Mas o capitalista possui uma vantagem sobre o trabalhador já que, apesar de ter alienado sua vida sensível ao capital, ele é capaz de recuperá-la parcialmente através do poder de compra do próprio capital.

Segundo Eagleton (1993), o capitalismo possibilitou a criação de novos poderes criativos humanos e novas formas de interação social, porém a um custo terrível já que esta liberação de potencial é também uma tragédia humana na qual a maior parte dos homens e mulheres é condenada a uma vida miserável e sofrida. O desenvolvimento do potencial criativo humano a partir da sociedade capitalista pode ser visualizado como um meio de fazer com que a humanidade possa viver melhor e de forma mais confortável, porém os benefícios da criatividade social dos homens não estão ao alcance de todos e sim de uma pequena parcela da sociedade. E mesmo assim, os poderes criativos do homem somente podem se desenvolver de forma limitada, pois quando a atividade do trabalhador tem como finalidade última a valorização do capital, seus poderes criativos que foram expropriados aparecem como estranhos a ele. O objetivo do marxismo, portanto, é “restaurar para o corpo os seus poderes que foram pilhados; mas só com a superação da propriedade privada os sentidos poderão voltar a si mesmos” (EAGLETON, 1993).

Concluindo as análises feitas neste trabalho, podemos dizer que a luta marxista pela superação da sociedade de classes tem como principal objetivo reaver para o homem sua humanidade que foi arrancada de seu próprio corpo. A sociedade comunista seria, então, o redescobrimiento do homem consigo mesmo, a possibilidade de desenvolvimento pleno e livre das capacidades sensíveis do corpo trabalhador não mais subjugado pelo regime da propriedade privada; seria o “retorno do homem para si enquanto homem social, isto é, humano” (MARX, 2004b: 105). Utilizar o marxismo não somente como referencial teórico, mas também como ferramenta de luta política significa buscar o fim do processo de desumanização a que os homens estão submetidos e fazer com que o “mundo dos homens”, no final, grite mais alto do que o “mundo das coisas”.

Referências

- EAGLETON, Terry. *A Ideologia da Estética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- ENGELS, Friedrich. O papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: *Revista Eletrônica Trabalho Necessário*. vol. 4. n. 4, 2006.
- BOTTOMORE, Tom. *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- FOSTER, John Bellamy. *A Ecologia de Marx: materialismo e natureza*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX, Karl. *Capítulo VI Inédito de O Capital*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004a.
- _____. *Manuscritos Econômico-Filosóficos*. São Paulo: Boitempo, 2004b.
- _____. *O Capital: crítica da economia política*. livro I. 26. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.